

AUTOBIOGRAFIA: ESTUDO SOBRE A PEDAGOGIA AUTOBIOGRÁFICA COMO EMANCIPAÇÃO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Laisa Bibiano Nascimento ¹
Luis Eduardo Torres Bedoya ²

RESUMO

A ciência autobiográfica é entendida como uma sistemática de interpretação que faz significar acontecimentos da vida, assim, representativo dos sentidos de cada experiência vivida. O presente trabalho visa apresentar a contemplação da pedagogia autobiográfica como método imprescindível para a emancipação e formação docente. Isso porque o método, direciona a centralidade de estudos para os professores no eixo de debates para captar e perceber problemáticas educacionais que surgem no campo das investigações em face da resolução de implicações que envolvem o meio educacional escolar. Metodologicamente, está configurada na abordagem autobiográfica, voltada à estudos bibliográficos acerca de discussões que recorrem sobre a reflexão da dimensão do saber autobiográfico como práxis humana educadora, assim também, ampliando o saber do método como referencial necessário para a formação docente, como se intensificando para um saber decolonial. Esta discussão retrata a autobiografia como estudo necessário para a pedagogia, a colocando como essencial no campo de investigações educacionais. O estudo objetiva mostrar a importância do método autobiográfico para formação docente como campo da investigação para compreensão da realidade de processos educativos, a fim de contribuir para as suas melhorias. Neste estudo foi possível entender que a autobiografia constitui um olhar para si e para o outro, resgatando memórias representativas de significados que podem ser ressignificados no processo de formação dos educadores para compreender a realidade e os processos educacionais dos alunos. Com este estudo foi possível perceber a grande importância da pedagogia autobiográfica para a formação docente, isso porque, a mesma se configura através do reconhecimento de uma educação de práxis humana, revelando que nenhuma construção identitária se faz no isolamento, assim também, a mesma atua sob caráter autoformativo, para reconhecer e compreender processos educativos, e posteriormente, decolonial, reposicionando os indivíduos para o reconhecimento das subjetividades e perspectivas coletivas.

Palavras-chave: Pedagogia Autobiográfica, Educação, Autobiografia, Formação Docente.

INTRODUÇÃO

A autobiografia surge no campo das ciências da educação na década de 1970. Silva (2009) discute que, inicialmente, essa ciência norteou a abordagem de ensino de profissionalização de professores para contemplar conhecimento e formação para as atividades docentes. Ferrarotti (1988) dialoga que o surgimento autobiográfico é um

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, laisabibiano14@gmail.com;

² Doutor em Educação (UFC), professor adjunto do curso de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, luchobedoya@unilab.edu.br;

efeito da insatisfação das ciências sociais como remodelação teórico-metodológica para uma nova forma de análise da realidade social.

A ciência autobiográfica é entendida como uma sistemática de interpretação que faz significar acontecimentos da vida, isto é, como um projeto de si, portando-se como possibilidade, assim, também como representativo das suas estruturas ligadas aos sentidos de cada experiência ao decorrer da sua vida. Conforme Goulart 2017:

A narrativa autobiográfica instala um sistema de interpretação e construção que situa, une e faz significar os acontecimentos da vida como elementos organizados dentro de um todo. Ao mesmo tempo implica, por um lado, em um projeto de si (projeção e em um projetar-se enquanto possibilidade), dentro de uma construção biográfica cujos acontecimentos organizados puxam este/a sujeito/a para o futuro, o/a justificando retrospectivamente. Por outro lado, implica também na reflexividade biográfica em que o/a autobiógrafo/a representa sua vida enquanto um todo unitário e estruturado, articulando e atribuindo sentidos a cada experiência dentro do curso de sua vida (Goulart, 2017, p.49).

Porém, apesar da importância do método autobiográfico, ainda questiona-se sua confiabilidade científica no campo das investigações, é o que aponta os estudos de Novoa (2009 apud Silva e Mendes, 2009, p.10) delineiam que um dos fatores de oposição ao método é a psicologia que questiona a fraqueza metodológica da autobiografia. Ferrarotti (1988) em uma de suas discussões aponta a importância desse método para o campo das fundamentações que atestam a abordagem sociológica das histórias de vida para a compreensão e interpretação da(s) realidade(s) social(ais).

Este estudo tem o objetivo de abordar a importância do método autobiográfico para o processo de formação de professores, no qual, traz a compreensão por Nóvoa (2000 apud Silva e Mendes, 2009, p.9) como sujeito em face às estruturas e aos sistemas.

Assim, pois, esta pesquisa surge da necessidade da contemplação da pedagogia autobiográfica como método imprescindível para a emancipação e formação docente. Isso porque este método, direciona a centralidade de estudos para os professores no eixo de debates para captar e perceber problemáticas educacionais que surgem no campo das investigações em face da resolução de implicações que envolvem o meio educacional escolar. Dessa forma, os profissionais serão capazes de se articularem no centro das discussões discorrendo sobre o percurso de suas vidas, desde o período estudantil até a formação profissional, sob abordagens autobiográficas, a fim de compreender a realidade e contribuir através das investigações para a melhoria de processos educativos.

METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa é de natureza qualitativa, sob uma abordagem bibliográfica acerca de discussões que recorrem sobre a reflexão da dimensão do saber autobiográfico. Em um primeiro estágio, esta pesquisa partiu da análise autobiográfica da autora. Esta ocorreu, quando foi possível executar uma autobiografia que recorria sobre o percurso acadêmico da mesma, retratando sobre período escolar de ensino fundamental, ensino médio até a formação presente, assim analisando, a educação escolar recebida em toda a sua trajetória na escola, a relação de professor, aluno, para com os demais colegas, passando por uma autoavaliação crítica de cada experiência vivida em busca de uma autoreflexão dentro da perspectiva autobiográfica.

Com isso, a partir de uma avaliação minuciosa, viu-se que seria necessário executar um estudo que abordasse, a importância da autobiografia, na estrutura de formação do docente. Isso porque, durante a trajetória escolar, principalmente no que se refere à educação no ensino fundamental, um indivíduo passa por intensas transformações e acontecimentos que nem sequer seja possível captar uma criticidade reflexiva acerca das ocorrências em sua volta. Esta, está vinculada ao tipo de educação recebida e as contemplações dos educadores. Isto foi refletido a partir do estudo de autoanálise na autobiografia da autora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao falar de educação, consubstancialmente pontuamos sobre seres humanos e assim das suas particularidades. Para a antropóloga brasileira Gomes (2002, p.38) “A educação pode ser entendida como um amplo processo, constituinte da nossa humanização, que se realiza em diversos espaços sociais: na família, na comunidade, no trabalho, nos movimentos sociais, na escola, dentre outros.” O ser humano é constituído de cultura, significado e sentido, logo se torna representativo do seu meio.

Dessa forma, podemos entender que a educação por sua vez, é a construção de um conjunto de relações humanas, de socialização dentro e fora do espaço escolar. O externo constitui o interno, assim corroborando na composição de estar representativo no mundo, o que constrói sentido e contribui na construção de sua identidade que é contemplada pela coletividade. Assim, afirmando do mesmo pensamento, Brandão (1981, p.10 apud Gomes, 2002, pág.38) expõe:

A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar – às vezes a ocultar, a necessidade da existência de sua ordem (Brandão, 1981, pág.10 apud Gomes, 2002, p.38).

O indivíduo não se constitui no vazio, como sendo representativo do que lhe faz sentido. Nessa projeção, a autobiografia como constituinte de histórias de vida tem o poder de contemplar-se no mundo através de significados. Como, entendido por Nóvoa (2000 *apud* Silva e Mendes, 2009, p.9) as autobiografias são a expressão de um movimento social mais amplo, bem presente na produção literária e artística que trouxe a perspectiva dos “sujeitos face às estruturas e aos sistemas”, podemos assim entender as relações dos sujeitos face às suas construções sistemáticas, práxis, do viver social, comunitário, educativo e de perspectiva de vida.

Todas as narrações autobiográficas relatam, segundo um corte horizontal e vertical, uma práxis humana. Ora, se “a essência do homem [...] é, na sua realidade, o conjunto de relações sociais” (Marx, VI^a Tese de Feuerbach), toda a práxis humana individual é actividade sintética, totalização activa de todo um contexto social. Uma vida é uma práxis, que se apropria das relações sociais (as estruturas sociais) Interiorizando-as e voltando a traduzi-las em estruturas psicológicas, por meio da sua actividade desestruturante-reestruturante. Toda a vida humana se revela, até nos seus aspectos menos generalizáveis, como síntese vertical de uma história social (Ferrarotti, 1988, p.26).

Desse modo, podemos perceber o sujeito constituinte de suas relações, ou seja, configurada a partir de toda a vida do ser humano, as estruturas sociais que o cercam, isso porque o mesmo não se estrutura individualmente, mas em uma perspectiva estruturante conjunta com os demais que o ensina, tornando-se, práxis humana. O indivíduo reflete seu modo de vida a partir da contextualização social, isso é estruturante para com sua construção identitária. Isso revela que nenhum ser se configura no isolamento, necessitando de um entrosamento com o outro a partir de uma relação de conhecimentos de vida compartilhados. Isso se reflete nas palavras do Antropólogo Jacques d’Adesky (2001 *apud* Gomes, 2002, p.76)

[...] a identidade, para se constituir como realidade, pressupõe uma interação. A ideia que um indivíduo faz de si mesmo, de seu “eu”, é intermediada pelo reconhecimento obtido dos outros em decorrência de sua ação. Nenhuma identidade é construída no isolamento.

Entendemos, portanto, a importância das relações refletidas na práxis humana, para designar a composição identitária do ser humano, onde as ações individuais, são na verdade a totalização ativa do contexto social, assim, considerando que o social está contido no individual.

A autobiografia se torna uma pedagogia no momento de estudo de vidas, pois a partir dela é possível compreender realidades, sendo o sujeito constituído do seu meio. Assim, é possível compreender para além de realidades individuais ou coletivas, os acontecimentos humanos e de como a sociedade se comporta, e se compreende perante aos acessos oportunos ou não educacionais, econômicos culturais e das formas de viver como um todo.

A partir das reflexões de Amorim (2015) que condensa sua discussão em face de uma educação humana, a partir do legado de Paulo Freire, entende-se que a pedagogia freiriana, atua como método balizador contribuindo para a construção de uma educação humana coletiva possível, de ensino transformador, propondo o reconhecimento de uma educação de práxis humana, dentro da perspectiva autobiográfica. Com isso, se revela a autobiografia, como método que reconhece a essência subjetiva contextualizada na conduta social que contribui para o entendimento das relações humanas e dinâmicas sociais, entendendo que nenhum indivíduo se constrói no isolamento, mas sim, partilhando relações dinâmicas.

Entende-se por autobiografia aquilo que são as narrativas da vida, acontecimentos, construção de si e de experiências. Para Ferrarotti (1988 *apud* Silva e Mendes p.9) “a autobiografia surge da necessidade de renovação teórico-metodológica de sua forma de olhar e analisar a realidade social”. A autobiografia como método, corroborou para sua emancipação no meio educacional, sendo assim, para além da contação de histórias de vida, esta ação era voltada a pesquisa, a fim promover formação para educadores na perspectiva de suas trajetórias de vida. Tendo por base que a mesma contempla as narrativas da vida e da construção de si como campos investigativos, por que não concebê-la como processo formativo?

Na prática, a autobiografia, permite que os educadores se coloquem no centro das possibilidades investigativas para captar e compreender os processos educativos:

A (auto)biografia, no âmbito das ciências da educação, comporta basicamente duas dimensões: uma voltada para as investigações sobre a vida do professor, como forma de compreender os processos de formação e as práticas de ensinar/aprender; e a outra destinada à formação, como possibilidade de uma (auto)formação do professor, desencadeada pelos processos de reflexão sobre si e suas práticas, considerando-se as trajetórias de vida e formação dos indivíduos (Silva e Mendes, 2009, p.11).

Essa ação auto-formativa, contemplada pela ciência autobiográfica, permite fazer com que educadores e professores se promovam ao debate no campo investigativo para analisar e compreender problemas de ensino e propor melhorias em processos educativos. Assim, os colocam como protagonistas investigativos em suas próprias narrativas para colher debilidades, fragmentos e compreensão da realidade de procedimentos educativos.

Nesse sentido, faz-se necessário pensar as trajetórias como sendo processos formativos e para além disso, auto formativos constituídos pois, através da investigação e compreensão dos modos de vida, da qual é possível entender as necessidades e debilidades dos meios educativos, partindo do ponto do que é válido no processo de promover educação, contendo consciência de si e das realidades.

Expressa-se de forma necessária validar a autobiografia como um processo formativo e sobretudo autoformativo para o educador na contribuição para uma formação efetiva. Amorim (2015) alerta que as atuais didáticas levam a busca de uma formação de técnicos especialistas, desconsiderando as dimensões éticas de formação humana. Essa conduta, põe em questão a relação de tempo e necessidade de mão-de-obra-qualificada para o mercado de trabalho. Essa ação, conseqüentemente, refletirá no modelo de qualidade de ensino proposto por tal profissional em formação, ignorando a profissionalização para uma educação mais humana e o compromisso epistêmico educativo.

Pensar sobre o compromisso epistêmico do educador reflete na abordagem de formação que este está se configurando. Isto é, que tipo de formação está sendo ofertada para futuros educadores? Será que ela contribui para a transformação dos educandos? Isto é, o ensino para além da escolarização, da mecânica imposta na curricularização das escolas impostas nos livros didáticos. A educação se faz de forma dinâmica, deve ser diversificada e modificada para atender todas as contemplações individuais, acessando as diversidades humanas e pessoais.

No Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento regente da educação básica do país, emite de 10 competências gerais que se articulam sobre o tratamento didático que os estudantes devem receber em sala de aula e nos meios educativos. Dentre estes, destaco:

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas. (Brasil, 2017).

Estas competências supracitadas contemplam de três modos de ensino que reconhecem o que seja uma educação humana, levando para o ensino modelos que tratam da cidadania, do conhecimento das diversas culturas, saberes, direitos humanos, saúde emocional e diversidade humana. Sob essa perspectiva, é preciso haver a recuperação para a formação de professores comprometidos com o ensino verdadeiro de mostrar ao estudante que ele pode conhecer a si e ao mundo.

A consciência autobiográfica na formação do docente proporciona essa reflexão ao longo do seu percurso educacional. Ao passo de que reconhecer a si e ao outro e entender que o contexto reflete no indivíduo desenvolve uma autoformação de consciência para o entendimento da sociedade e das pessoas. Além disso, é preciso que haja um comprometimento através do currículo. Isso porque, para que de fato haja formação, em busca de uma educação humana, é preciso que isso seja priorizado através dos currículos, ou seja, deve estar na área curricular de formação dos cursos de licenciatura.

Para que essa formação seja possível, é necessário mexer nas bases, remodelar a dinâmica de prioridade oferecida dentro dos cursos de formação de professores, é preciso refletir o que tem preparado de fato os educadores no processo de formação para lidarem com a diversidade em sala de aula. É preciso conhecer quem se está educando, e essa dinâmica impõe ao educador que ele esteja à disposição. A sala de aula se compõe de diversidades e como lidar com elas se não é possível compreendê-las. Desse

modo, a educação autobiografia se faz presente, através da dimensão da compreensão imersa na introdução de uma educação humana.

Entende-se, portanto que a autobiografia como formação para docentes reposiciona a dinâmica entre alunos e professores pois, os educadores, não atuarão mais como detentores do conhecimento, mas sim como mediadores do saber, propondo a autonomia estudantil em sala de aula, dialogando com os demais, oportunizando a oralidade e as situações, sob a então reflexão das realidades e diversidades humanas. E assim, se distanciando de modelos mecânicos ditatoriais, onde o regente atua sob uma educação bancária. Esta, por sua vez, promove o silenciamento dos educandos, que segundo Amorim (2015) convertem a consciência do aluno para um pensar mecânico, sem desenvolvimento reflexivo. Dessa forma, é possível entender que a pedagogia autobiográfica se dimensiona, por se tratar do coletivismo, onde é possível construir com os demais.

Dentro da ciência autobiográfica se constitui a memória. Através dela é possível revisitar o passado, contemplar o vivido, e esta é a base efetiva de uma auto análise, a memória, onde é possível conceber a construção significativa de si. Candau (2011, pág.23 apud Souza, 2014, p.103) categoriza a memória em classificações, e em uma delas o mesmo aponta a metamemória que remete a representação que o indivíduo faz da sua memória, ao modo de conhecimento sobre ela, a sua dimensão que remete o indivíduo ao seu passado. Ainda assim, refere-se à memória como “construção explícita da identidade” (2011, p.23 apud Souza, 2014. p.103).

Desta forma, através das concepções acima, pode-se notar a importância significativa da memória na constituição do indivíduo para com a sua construção identitária que, por meio das representações em memória, do conhecimento contemplado e do peso significativo que tem esse passado, infere ao indivíduo sua composição identitária. Para Souza (2014, pág.98) “A identidade é edificada na ordem cultural, num sistema complexo de interação e articulação com o externo, com a alteridade.” A identidade como já pontuado, provém de uma interação do ser humano, a partir das relações. Como também, já estabelecido, este mesmo indivíduo não se constitui no vazio, provendo de uma associação de representações perante aos marcos sociais e a sociedade. Conforme Souza (2014)

É em razão da construção discursiva da identidade que se faz necessário recorrer à memória: é preciso revolver o passado para narrar-se, para construir uma identidade, para constituir-se como sujeito diante do outro e

posicionar-se dentro do grupo. Esse, portanto, é o ponto que liga a identidade à memória e torna possível a afirmação de Candau de que “a memória é a identidade em ação (Souza, 2014, p.98).

Cavagnoli, em “Descolonizando o eu-autobiográfico feminino: a questão da memória e história nas narrativas da escravidão” (2017) contempla uma importante reflexão sobre a escrita autobiográfica no processo de memória por meio da decolonialidade, afim de ter um olhar para o passado, revisitá-lo e ressignificá-lo. Esta reflexão se propõe a contar o sofrimento de uma mulher escravizada e negra. Através do conto, é possível revitalizar a problemática da escravatura, a partir da narrativa feminina, delineando a memória, as relações de poder, história da raça.

Muito se aproxima dessa narrativa, o que defende Conceição Evaristo (2012) com as escritas. Este é um exemplo de escrita de mulheres negras que ressignificam as suas vivências, onde é possível desfazer um imaginário do passado, dar voz ao corpo e vez escrita de quem não era pertencente. No conceito de Cavagnoli (2017, pág.49) “A experiência vivida narrada pela arte de contar histórias é precisamente o que constitui a natureza da autobiografia”. A partir dessas reflexões, é possível entender que a autobiografia, contemplada pela arte de memória em lembrar-se, a pertença de contar, se constitui como uma importante precursora do entendimento do ser humano.

Pode-se entender que, a autobiografia se coloca como uma pedagogia decolonizadora, porque permite uma compreensão reflexiva das perspectivas humanas e da realidade. Esta possibilidade nos encaminha para uma educação coletiva que é construída através de uma formação humana, pois se constitui a partir da reflexão de si e com o outro, propondo coletividade.

No conceito de Amorim (2015, p.30):

Educação, hoje e há muito tempo, tem servido mais como reprodutora de desigualdades do que como propulsora de uma vida mais justa e igualitária, com fins coletivos e voltados à ética humana, hoje suprimida pela ética do capital. Portanto, há uma inegável necessidade de pensarmos sobre a formação humana em uma dimensão mais ampla, que não fique restrita ao que vimos assistindo enquanto “educação” (com “e” minúsculo). A superação dos desafios que esta contemporaneidade nos impõe deve, necessariamente, transpassar o campo da Educação (com “E” maiúsculo) enquanto uma das dimensões da formação humana, não como uma “educação” que serve aos interesses da classe dominante e opressora.

Seguindo esse conceito, entende-se que a pedagogia educadora autobiográfica possibilita a produção de uma formação humana, que concebe a construção de

conhecimento de si e do outro, que se configura na dimensão do ser e das suas perspectivas, não individual, mas coletiva, não reprodutora uma rede de desigualdades.

Gomes (2012) defende a necessidade de formar professores reflexivos. Porém, para que isso seja possível, é preciso levar em consideração a mecânica de rigidez dos currículos.

Descolonizar os currículos é mais um desafio para a educação escolar. Muito já denunciámos sobre a rigidez das grades curriculares, o empobrecimento do carácter conteudista dos currículos, a necessidade de diálogo entre escola, currículo e realidade social, a necessidade de formar professores e professoras reflexivos e sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos (Gomes, 2012, p.102).

A pedagogia autobiográfica necessita fazer parte dos currículos para a formação docente. Visto que, os currículos são espaços de disputa e poder, alinhados a ótica de uma sociedade capitalista que dita regras conflitando na sociedade e para a educação à formação de alunos e professores, para isso “são valorizados os conhecimentos imediatos, capazes de suprir a demanda do mercado” (Amorim, 2015, p.29). Como anteriormente mencionado, esse segmento contribui para a formação de docentes descomprometidos com a construção de uma educação humana. Assim, alimentando a construção de um profissional formado nas vias imediatistas para servir ao mercado de trabalho, comprometendo a dedicação leal que é a educação sem conhecimento a pedagogia autobiográfica humana.

O conhecimento autobiográfico para docentes, repercute de maneira significativa pois, esta ciência reposiciona os sujeitos para o entendimento da realidade social, refletindo sobre pessoas, corpos e mentes, reconhecendo que as subjetividades externas constroem perspectivas coletivas. Dessa forma, contribuindo para a compreensão de signos sociais.

A colonização deixou e deixa marcas em corpos e mentes de forma diferente, a partir do seu lugar no mundo: negros/as, pobres, homossexuais, crianças, pessoas em situação de rua, sem-terra, entre outros/as, são marcados de formas diferentes. Algumas são marcadas três ou mais vezes em um só corpo e mente, por exemplo: negra, mulher, pobre (Oliveira, 2021. p.26).

Entende-se que a colonização é um mal que segrega corpos e mentes, e a mesma alimenta um sistema de desigualdades entre indivíduos marcados. A pedagogia autobiográfica se coloca na perspectiva decolonizadora quando sua sistemática de educação é reflexiva para si e para o outro. Essa ação reflexiva promove a configuração

de uma educação humana, que permite o mergulho de uma educação coletiva e não individual, pois a individualidade segrega e recria desigualdades opressoras.

A descolonização se faz presente na pedagogia autobiográfica pois, a mesma reconhece o coletivo e humaniza o ser humano. Esta se configura através da práxis humana de conhecimento que nenhuma identidade é construída no isolamento. Para Oliveira (2021, p.28) a colonização “desumaniza, cria sujeitos e nações superiores e inferiores, que nega a existência do outro, que se nutre de mortes, misérias e poder”. Através desse recorte é possível perceber o impacto da contribuição da pedagogia autobiográfica para a descolonização pois, a mesma reposiciona os sujeitos face às suas estruturas, reconhecendo através dos campos investigativos a compreensão das realidades e dos sujeitos, afim de contribuir para a melhoria de processos sociais, envoltos do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultados, neste estudo foi possível perceber a importância que a dimensão autobiográfica tem para com a formação docente. Desse modo, foi entendido que a autobiografia contribui para a formação docente, primeiramente, pois a mesma se configura através do reconhecimento de uma educação de práxis humana. Revelando que nenhuma construção identitária se faz no isolamento, pois, o social está devidamente contido no individual, contribuindo para as percepções coletivas. Desta maneira, o profissional absorve um novo olhar sobre as desconstruções humanas a fim de entender que a educação também se faz de modo comum, e é partilhada.

Assim, também foi aprendido que a pedagogia autobiográfica se faz necessária na formação docente, pois ela se apresenta como um método investigativo autoformativo. Assim, posicionando os educadores no centro de debates para reconhecer e compreender processos educativos. Desse modo, o educador dentro do modo investigativo da própria trajetória, percebe na investigação de suas memórias respostas de modelos de ensino e educação que são necessários ou não para a sua formação como docente.

Finalizando, reconheceu-se a importância da autobiografia para a descolonização dos currículos, pois, a ciência autobiográfica atua como pedagogia humana, e essa educação humana recoloca os profissionais de educação em uma posição de

comprometimento educativo posicionando os educandos a reconhecer as realidades em volta afim de combater as desigualdades.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Felipi vieira. O quê e como ensinar, hoje? Breve ensaio sobre a ética e a epistemologia do ensino a partir da perspectiva de Paulo Freire. **Revista Espaço Acadêmico** - Nº 164 - Janeiro/2015 - Mensal.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acessado em: 16 abril. 2024.

CAVAGNOLI, Ana Carolina Andrade Pessanha. **Descolonizando o eu-autobiográfico feminino: a questão da memória e história nas narrativas da escravidão**. 2017.

DICKMANN, Ivo. CECCHETTI, Elcio. Pedagogia da coletividade: Ensaio freiriano sobre educação e política na atualidade brasileira. **Rev.Eletrônica Mestr.Educ. Ambient**. Rio Grande, v.36, n. 1, p.96-108, jan./abr.2019.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: a escrita de nós**. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. DUARTE, Constância Lima. 2017.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método autobiográfico. em: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. 1988. p. 17-34.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e Identidade Negra**. Aletria, UFMG. Jan 2002.

_____. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem fronteiras**, v.12, n1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.

GOURLART, Treyce Ellen Silva. CAETANO, Marcio Rodrigo Vale. RANGEL, Mary. Narrativas Entrecruzadas de professoras negras em terras gaudérios. **MARGENS - Revista Interdisciplinar**, Versão Digital - ISSN: 1982-5375, Dossiê: Corpo,Gênero, e Sexualidade, Vol.11. N. 17. Dez 2017. (p.44-58).

OLIVEIRA, Evaldo Ribeiro. Descolonizando os currículos e educando as relações étnico-raciais: pesquisas e práticas educativas de raízes africanas. **Revista ABPN**. v. 13, n. 37, junho-agosto 2021. p.18-41.

SILVA, F. C. R. ; MENDES, Bárbara Maria Macêdo . (Auto)biografia, pesquisa e formação: aproximações epistemológicas. In: **5 Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI, 2009. Anais** (ISBN: 9788574632537). Teresina: EDUFPI. v. Único

SOUZA, Mariana Jantsch. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. **Revista Graphos**, v. 16, n. 1, p. 91-117, 2014.